

FRANCIS BACON: ANTICICERONIANO, PERSONIFICAÇÃO DO ANTICLASSICISMO E ANTI-HUMANISTA?*

FRANCIS BACON: ANTICICERONIAN, PERSONIFICATION OF ANTI-CLASSICISM AND ANTI-HUMANIST?

José Sandro Santos Hora**

RESUMO

Francis Bacon foi interpretado ao longo da história da filosofia de diferentes formas. Ora tomando passagens isoladas, ora descontextualizadas, ele foi alvo de interpretações equivocadas por parte de alguns teóricos como Neil Rhodes, Charles Webster, Anthony Quinton, Douglas Bush, Joseph Loewenstein, Anthony Grafton, entre outros, os quais acusam-no de: anticiceronianismo, representante do anticlassicismo, e, em última instância, anti-humanista. Ora, o objetivo deste artigo é analisar e situar adequadamente uma passagem baconiana própria d'*O progresso do conhecimento*, no sentido de demonstrar que tais premissas não se sustentam. Pois, o trecho da obra em revista não tem como escopo atacar a tradição humanista. Pelo contrário, concerne a uma discussão muito específica sobre o problema da *imitatio*, da excessiva imitação do estilo de Cícero, em especial da retórica, e, portanto, integra um episódio ou debate bastante delimitado e enfrentado por um seguimento da tradição ciceroniana do final do *Seiscento*, do qual, por razões que no desdobramento do texto ficam claras, Bacon teve interesse em participar.

PALAVRAS-CHAVE: Bacon; anticiceronianismo; anticlassicismo; anti-humanismo

ABSTRACT

Francis Bacon has been interpreted in different ways throughout the history of philosophy. Sometimes taking isolated passages, sometimes decontextualised, he has been the target of misinterpretations by some theorists such as Neil Rhodes, Charles Webster, Anthony Quinton, Douglas Bush, Joseph Loewenstein, Anthony Grafton, among others, who accuse him of: anti-Ciceronianism, representative of anti-classicism, and ultimately anti-humanist. Now, the aim of this article is to analyse and properly situate a Baconian passage from *The Progress of Knowledge*, in order to demonstrate that such premises are not supported. The passage is not intended to attack the humanist tradition. On the contrary, it concerns a very specific discussion on the problem of *imitatio*, the excessive imitation of Cicero's style, especially his rhetoric, and is therefore part of a very limited episode or debate faced by a section of the Ciceronian tradition at the end of the 17th century, in which, for reasons that become clear as the text unfolds, Bacon had an interest in participating.

KEYWORDS: Bacon; anti-Ciceronianism; anti-classicism; anti-humanism

* Artigo recebido em 09/07/2023 e aprovado para publicação em 13/11/2023.

** Doutor em Filosofia (2023) pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia PPGF/UFS e Professor da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEDUC) de Sergipe. Email: sandro.cesad@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O objeto deste artigo diz respeito ao terreno das interpretações. Bacon foi acusado de ser um anticlassicismo, anticiceroniano e, portanto, um anti-humanista. Será essas acusações teriam algum fundamento? Este é o problema central a ser problematizado. Já o objetivo desse artigo é analisar especificamente uma passagem d’*O progresso do conhecimento*, recorrendo ao auxílio teórico de Vickers, em especial, para mostrar que não se trata de um ataque de Bacon ao ‘humanismo’, mas, ao contrário, de uma discussão específica sobre a excessiva imitação do estilo latino de Cícero sobretudo na retórica; debate próprio da tradição humanista inclusive. E Bacon está se inserindo nesse debate não porque deslegitime a retórica ou coisa do gênero; antes, com efeito, porque seu maior interesse é no conteúdo (*res*) e não na forma (*verba*) simplesmente. Esperamos contribuir com o debate e com o avanço das análises do pensamento baconiano no Brasil.

BACON CONTRA O CLASSICISMO, O CICERONIANISMO, A TRADIÇÃO HUMANISTA?

Seria Bacon anticiceroniano, inimigo do humanismo renascentista, avesso ao classicismo, à poesia, à história, à retórica? Não teria para ele legitimidade as disciplinas que compõem o *corpus* dos *studia humanitatis*¹? Vickers inicia o ensaio *The myth of Francis Bacon’s ‘anti-humanism’* com a seguinte declaração:

Um fenômeno curioso na história da filosofia é o surgimento de mitos sobre filósofos ou escolas filosóficas, ‘ideias recebidas’ que têm pouca relação com a realidade, mas que persistem por muitos anos e se mostram difíceis de erradicar. Um desses mitos é que Francis Bacon (1561-1626) era hostil ao humanismo renascentista, tanto como disciplina quanto como corpo de estudos, e que ele era um inimigo particular da poesia e da retórica (Vickers, 2003, p. 135, tradução nossa).

Segundo o teórico britânico, parece comum o surgimento de ‘mitos’ em torno de alguns filósofos, ideias, concepções e escolas filosóficas. Uns mais propensos que outros. Parece ser o

¹ Segundo Alan Bullock, “O termo renascentista *studia humanitatis*, que traduzimos como humanidades, envolvia no século XV um conjunto de disciplinas acadêmicas – gramática, retórica, história, literatura e filosofia moral –, cujo estudo implicava a leitura de textos clássicos latinos anteriores ao Cristianismo, traduções latinas de obras gregas e, embora não fosse muito comum, textos gregos originais. Este era o novo saber, o novo aprendizado, como chamaram os ingleses Tomás Moro e Colet, a recuperação e ressurreição da antiguidade clássica, com a qual, mais que com nenhuma outra coisa, o Renascimento é identificado e toma seu nome” (Bullock, 1989, p.15-16, tradução nossa).

caso de Bacon. Não lhe faltam acusações. A esse propósito inclusive, reforça Sergio Hugo Menna,

Efetivamente, se procurarmos na literatura sobre Bacon, ou até em páginas na internet, veremos que autores das mais diversas doutrinas, filosóficas ou não – pós-modernos, ecologistas, feministas, ecofeministas, teóricos críticos, radicais religiosos etc. –, consideram a Modernidade em geral, e o método de Bacon em particular, como responsáveis pela “unidimensional” e “instrumental” concepção tecnológica de mundo imperante e, portanto, como “a causa de todos os males” da humanidade (Menna *apud* Hora, 2015, p. 11).

Soma-se a essas acusações também a noção de Bacon como ‘inimigo’ do humanismo renascentista. O que é um equívoco. Não obstante, mesmo sendo uma inadequação, parece se espalhar com frequência, sem contestação, sem correção, indica Vickers. Esse artigo, com efeito, se estabelece nesse debate e visa colaborar para mitigar em alguma proporção essa falsa premissa. Um dos nomes que integram a lista dos que concebem o autor da *Nova Atlântida* como anti-humanista é Grafton. Para Grafton, Bacon tratou o humanismo renascentista como uma doença para o aprendizado. Entretanto, afirma Vickers, Grafton faz essa inferência sem citar nenhum texto de Bacon, sem nenhuma discussão ampla. Lembra-nos, por exemplo, Hans Jonas, n’*O princípio responsabilidade*, ao declarar que há uma “ameaça tenebrosa contida no ideal baconiano” (Jonas, 2006, p. 235), mas igualmente sem citar nenhuma obra do filósofo inglês.

Na linha dos que reforçam o mito do Bacon anti-humanista se põe Loewenstein e sustenta que Bacon representa o anticlassicismo (*anti-classicism*). Posicionamento impertinente. Michael Spang, por exemplo, no ensaio *Ciência, religião e utopia – a sociedade ideal na Nova Atlântida de Francis Bacon*, declara que pretende mostrar a riqueza de motivos bem como as inúmeras ligações estabelecidas com os diferentes contextos da história do pensamento e o quanto isso é importante para Bacon na formulação da sua utopia.

É exatamente a mistura de diferentes influências filosóficas, culturais e religiosas o traço que marca a sociedade esboçada por Bacon. [...] Não é possível ignorar que Bacon empregou evidentemente muita energia para produzir as ligações intertextuais escondidas no interior de sua *Nova Atlântida*. O mesmo esforço ele também dispendeu para relacionar seu relato sobre a utopia com outros textos literários e filosóficos (Spang, 2001, p. 276-277).

Como se daria esse trabalho de Bacon conforme descreve Spang, sem as contribuições dos clássicos? Por que a *Nova Atlântida* tem relação com a tempestade e possibilidade do

naufrágio? Da onde o filósofo inglês retira essas noções ou se inspira para desenvolvê-las? Na avaliação de Spang, Bacon desenhou um modelo de sociedade que “encontra a unidade do saber e da ciência no sincretismo de múltiplas tradições” (Spang, 2001, 277). De acordo com a interpretação de Spang, é completamente adequado afirmar que para esboçar a *Nova Atlântida* Bacon se inspirou no modelo clássico das narrativas épicas, especialmente a *Odisseia* de Homero e a *Eneida* de Virgílio. Pois, ambas começam, completa o teórico alemão,

com uma tempestade e um salvamento subsequente, valem aqui como um abalizado modelo. Relacionado com esses textos, o motivo da tempestade também encontrou acolhida nos romances populares antigos, onde esses elementos de ação dramática se tornam, de certo modo, uma forma comum de narrativa. A partir daí o motivo da tempestade também deu entrada na literatura cristã, como na narrativa dos *Atos dos Apóstolos* do Novo Testamento, na qual conta-se como, em sua viagem para Roma, Paulo sofre um naufrágio e entra refúgio na ilha de Malta (Spang, 2001, p 277).

Só por esse trecho de Spang estão sinalizadas ao menos duas perspectivas de narrativas que certamente serviram de suporte e inspiraram a formulação inicial da *Nova Atlântida*. Tem-se um encontro aí de duas tradições pelo menos: uma, de cunho clássico, calcada na ‘Antiguidade pagã’, Homero e Virgílio; a outra, de face cristã, Novo Testamento, apóstolo Paulo. De qualquer sorte temos a sinalização de Bacon recorrendo a contribuições oriundas dos clássicos.

Voltando à análise empreendida por Vickers, Loewenstein, ao contrário de Grafton, pelo menos cita uma passagem d’*O progresso do conhecimento*, embora extraia dela “formulações negativas de que Bacon exerceu uma “influência ‘anti-humanista’”, e fez “ataque à retórica humanista” e também se tornou “um dos principais importadores de ... anti-Ciceronianismo” (Vickers, 2003, p. 135) – tradução nossa. Conforme Vickers ampliam a fileira dos que acusam Bacon de anti-humanista: Rhodes, Webster, Quinton, Bush, entre outros. Esses autores, Bush principalmente, têm em mira uma passagem específica do livro I d’*O progresso do conhecimento* aonde Bacon aponta três vaidades ou distúrbios que comprometeriam o avanço do saber, o que reverbera numa certa crítica à retórica, sobretudo por conta de se sublinhar mais as palavras (a forma) e menos a matéria, as coisas mesmas (o conteúdo). Todavia, seria suficiente tomar essa passagem isolada, desconsiderar a relação dela internamente com o restante d’*O progresso do conhecimento* e externamente com outras obras do filósofo – o que não é tarefa fácil uma vez que o pensamento de Bacon não é sistemático [mesmo se fosse

sistemático também exigiria o devido cuidado] –, e a partir desse isolamento figurar Bacon como anti-humanista?

Acerca da passagem aludida, alerta Vickers: “Esta passagem tem sido objeto de tantos comentários parciais, pode valer a pena citá-la em extenso, a fim de verificar o que Bacon diz e o que não diz. Afinal, é um princípio estabelecido na análise de qualquer texto, filosófico ou literário, que o significado só pode ser obtido com segurança a partir do contexto completo” (Vickers, 2003, p. 137) – tradução nossa. É preciso procurar compreender a passagem em questão pelo menos na relação com o restante da obra. Nessa perspectiva, Vickers explica, Bacon estaria desenvolvendo uma abordagem na qual se utiliza (inclusive) de uma estratégia derivada da (própria) retórica epidítica, o que envolve polos opostos de elogio e responsabilização, louvor (*laus*) e reprovação (*vituperatio*). Primeiro, detalha Vickers, Bacon lida com o polo negativo: considera os descréditos e desgraças que o aprendizado (*learning*) recebeu, por ignorância que envolve teólogos, políticos e mesmo homens instruídos (acadêmicos); segundo, Bacon se desloca para o polo positivo e passa a defender a dignidade do aprendizado, visto tanto pelo testemunho divino (isto é, conhecer profundamente as coisas não significa incorrer em desrespeito ou em contrariedade à Providência) quanto por muitas provas humanas (inclusos aí o método e a experiência). Vejamos a seguir a passagem baconiana que deu margem para que o taxassem de anti-humanista (Vickers a cita por completa no seu ensaio, entre as páginas 138 a 140). Contudo, recorreremos à versão brasileira d’*O progresso do conhecimento*, traduzida por Raul Fiker e publicada em 2007 pela Editora da Unesp):

Digamos, pois, que são principalmente três as futilidades dos estudos que mais têm prejudicado o saber. Pois consideramos fúteis aquelas coisas que são falsas ou frívolas, aquelas nas quais não há verdade ou utilidade; e consideramos fúteis aquelas pessoas que são crédulas ou curiosas sem motivo; e essa curiosidade se refere à matéria ou às palavras; de modo que, o mesmo na razão que na experiência, temos estas três desordens, por assim chamá-las, do saber: primeiro, o saber fantástico; segundo, o saber contencioso, e por último, o saber delicado: fúteis imaginações, fúteis alterações e fúteis afetações; e por estas últimas vou começar. Martinho Lutero, sem dúvida guiado por uma Providência mais alta, mas refletindo sobre a empresa que havia assumido diante do Bispo de Roma e das tradições degeneradas da Igreja, e percebendo sua própria solidão, sem encontrar auxílio algum nas opiniões de seu tempo, se viu obrigado a despertar toda a Antiguidade, e a chamar em seu socorro os tempos pretéritos para formar partido contra o presente; de modo que os autores antigos, de teologia como de humanidades, que durante longo tempo estavam adormecidos nas bibliotecas, começaram a ser universalmente lidos e examinados. Como consequência disto, se seguiu uma necessidade de estudo mais apurado das línguas originais em que haviam escrito esses autores, para melhor entendê-los e com maior vantagem publicar e aplicar suas palavras. E disto nasceram de novo um deleite em seu estilo e redação, e uma admiração por esse modo de escrever, que foram muito fomentados e precipitados pela hostilidade e oposição que os expositores daquelas opiniões (primitivas mas aparentemente novas) mostravam aos escolásticos; os quais

em geral eram da parte contrária e cujos escritos eram de estilo e forma totalmente distintos, pois se davam a liberdade de cunhar e compor termos novos para expressar seu sentido próprio e evitar o rodeio, sem consideração à pureza, à elegância e, por assim dizer, à legitimidade da frase ou palavra. E também, em virtude do muito que então se trabalhou com o povo (do qual os fariseus sóiam dizer: *Execrabilis ista turba quaenon novit legem* [Esta gente execrável que não conhece a lei], para ganhá-lo e persuadi-lo, necessariamente o que mais subiu de preço e demanda teve que ser a eloquência e a variedade no discurso, como meios de acesso mais apropriados e convincentes para a capacidade do vulgo. De modo que a confluência destas quatro causas: a admiração dos autores antigos, o ódio aos escolásticos, o estudo exato das línguas e a eficácia da predicação, deu origem a um estudo ardente da eloquência e facilidade da palavra, que começaram então a florescer. Isto rapidamente chegou a excesso, pois se começou a prestar maior atenção às palavras que ao conteúdo, e à escolha da expressão, e à composição redonda e clara da frase, e à doce cadência das cláusulas, e à variação e ilustração das obras com tropos e figuras do que ao peso do assunto, ao valor do tema, à argumentação correta e ao juízo profundo. Então veio a ser apreciado o estilo fluido e aquoso de Osório, o bispo de Portugal. Então consagrou Sturm tão dilatados e pacientes estudos a Cícero, o orador e Hermógenes, o retórico, além de seus próprios livros sobre os períodos, a imitação e temas semelhantes. Então Car de Cambridge e Ascham, com suas lições e escritos, quase divinizaram Cícero e Demóstenes e atraíram toda a juventude estudiosa àquela classe de saber delicada e polida. Então teve ocasião Erasmo de fazer o eco zombeteiro: *Decem annos consumpsi in legendo Cicerone* [Dez anos consagrei à leitura de Cícero], e o eco respondeu em grego: οΥΕ, *asine* [asno]." Então o saber dos escolásticos chegou a ser totalmente desprezado como coisa bárbara. Em suma, toda a inclinação e tendência daquela época foram mais para a abundância do que para o peso. Eis aqui, pois, a primeira desordem do saber, quando se estudam as palavras e não o assunto, a qual, embora eu tivesse apresentado um exemplo dos últimos tempos, tem existido e existirá *secundum majus et minus* em todas as épocas. E como não haveria de resultar isto em descrédito do saber, mesmo para os entendimentos vulgares, quando vêem que as obras dos doutos são como a inicial de uma carta-patente ou livro pintado, que embora tenha grandes floreios não é mais do que uma letra? Me parece que o desvario de Pigmalião seja um bom emblema ou retrato desta futilidade: pois as palavras não são senão imagens das coisas, e se estas não estão vivificadas pela razão e pela invenção, enamorar-se delas é o mesmo que se enamorar de um quadro. Não obstante, vestir e adornar a obscuridade, inclusive da própria filosofia, com elocução fácil de entender e agradável, é algo que não se pode condenar precipitadamente. Pois disto temos grandes exemplos em Xenofonte, Cícero, Sêneca, Plutarco e também até certo ponto em Platão, e é de suma utilidade; pois, se para a inquisição severa da verdade e o progresso profundo da filosofia constitui um certo estorvo, porque satisfaz a mente humana demasiado rápido e apaga o desejo de indagação ulterior antes de alcançado o término devido, também é verdade que, se alguém há de fazer uso de tal conhecimento em ocasiões públicas, de conversação, conselho, persuasão, discurso ou coisas semelhantes, então não achará já preparado e disposto nos autores que escrevem deste modo. Mas o excesso disto é tão justamente desprezível, que assim como Hércules, quando viu num templo a imagem de Adônis, o mimado de Vênus, disse com desdém: *Nil sacris es* [Em ti nada há de sagrado], assim tampouco há nenhum dos seguidores de Hércules no saber, isto é, dos inquisidores da verdade mais severos e laboriosos, que não desdenhe essas delicadezas e afetações. E isto quanto à primeira enfermidade ou desordem do saber (Bacon, 2007, p. 45-49, grifos nossos).

Segundo Vickers, pelo menos Loewenstein e Bush se valeram diretamente de algumas páginas d'*O progresso do conhecimento* para cunharem o autor da *Nova Atlântida* como anti-humanista. Há quem acuse Bacon, apontamos acima alguns exemplos, sem se quer citá-lo; o que nos dar a impressão de não lê-lo. Nossa advertência (e não estamos sozinhos nesse

propósito) é para que se tenha mais cautela em relação a certos posicionamentos. É uma aventura de alto risco tipificar um filósofo, um autor, com base em ‘se ouviu dizer’ ou ‘em apenas uma frase ou pedaço de frase’ de tal filósofo ou autor. Mesmo as páginas supra citadas que compõem uma longa passagem d’*O progresso do conhecimento*, nos mostra Vickers, foram interpretadas de maneira inadequada. Não se deram conta de que se trata de um debate específico no qual Bacon se inseriu e com um propósito em particular: não negligenciar a importância da forma, do comunicar, mas sublinhar principalmente a importância para o voltar-se para o conteúdo, para as coisas mesmas, para a *res*.

Conforme já sinalizamos sutilmente (na tese acentuamos com maior volume isso), Bacon estava muito interessado num projeto de conhecimento que fosse capaz de revelar com profundidade a natureza das coisas, os segredos da natureza, e extraísse daí benefícios capazes de beneficiarem concretamente a humanidade no mundo. Bacon (pontuamos esse aspecto no segundo capítulo da tese) compreendia que o conhecimento se dá numa relação que não é simples, pois envolve: a mente, as palavras e as coisas. Quanto mais for adequadamente calibrada a relação mente, palavras e coisas, mais poder-se-á extrair daí um conhecimento apurado, confiável, verdadeiro e, portanto, benéfico para a humanidade. Há inseparavelmente uma face humanista que se inter cruza ou se interpenetra no plano baconiano de restauração das ciências. A preocupação central do filósofo, sem dúvida, caminha em ampla medida na direção de buscar conhecer as coisas mesmas e com um propósito bem estabelecido: dignificar a humanidade, afastar as misérias humanas. O que não significa dizer claramente que Bacon desprezasse outros tipos de conhecimento como a retórica, a poesia, a história, por exemplo. É falsa essa noção. Com efeito, reforçamos, há uma preocupação peculiar por parte do nosso filósofo em relação ao conhecimento das coisas mesmas: no sentido material, natural, não metafísico. E a passagem d’*O progresso do conhecimento* mencionada acima deve ser interpretada nessa perspectiva, qual seja, da defesa sobretudo do estudo das coisas, da matéria, do assunto, e não da mera forma argumentativa. Não se trata, portanto, de uma crítica ao humanismo renascentista, destaca Vickers, caso essa categoria estivesse posta para Bacon; ou ainda, que o filósofo inglês fosse adepto de um anticlassicismo ou anti-ciceronianismo, como nos quer fazer crer Loewenstein e outros. Há especificidades contextuais referentes à passagem baconiana assentada acima que precisam ser consideradas na interpretação, nos alerta Vickers.

De acordo com o comentador britânico, a crítica baconiana contida no excerto acima é direcionada à excessiva imitação do estilo latino de Cícero. Insere-se desse modo num episódio bastante específico da tradição humanista que se estende desde a querela entre Poggio

Bracciolini e Lorenzo Valla em 1452, passa por disputas posteriores entre Angelo Poliziano e Paolo Cortesi, Pico della Mirandola e Pietro Bembo, e culmina em toda a série de querelas literárias desencadeadas pelo *Ciceronianus* (1528) de Erasmo, nos situa Vickers. O texto baconiano em pauta está relacionado essencialmente, completa Vickers, a

uma disputa sobre *imitatio*, processo básico no treinamento de um orador (e, portanto, de qualquer pessoa educada). O modelo baseado na *Rhetorica ad Herennium* estabeleceu que as faculdades necessárias ao orador (*inventio, dispositio, elocutio, memoria, pronuntiatio*) poderiam ser adquiridas por três meios: usando *ars, imitatio, exercitatio* (Vickers, 2003, p. 140, tradução nossa).

Trata-se, na verdade, de uma discussão interna, própria de um certo segmento da tradição humanista renascentista, o que mostra uma não homogeneidade dessa tradição assim como não é homogênea também a Renascença². Tal perspectiva nos faz recordar a concepção de Renascimento formulada por Santidrián (discussão que empreendemos no primeiro capítulo da tese) como processo camaleônico, composto por muitas faces. Podemos estender essa noção também ao humanismo renascentista.

A discussão sobre a *imitatio* na retórica clássica e na crítica literária, nos mostra Vickers, era familiar a Petrarca e a outros estudiosos renascentistas que se debruçaram principalmente sobre Cícero, Sêneca, Tully, Quintiliano, Demóstenes, entre outros. De tal maneira que, declara o comentador britânico,

é estranho que estudiosos que se pronunciaram sobre o suposto anti-humanismo de Bacon deixassem de reconhecer que ele estava apenas intervindo no debate sobre a *imitatio* travado no [próprio] humanismo, especialmente porque tais estudiosos devem saber que aprender a escrever e falar imitando os modelos relevantes foi um elemento importante na teoria educacional humanista (Vickers, 2003, p. 140-141, colchetes e tradução nossos).

A passagem d'*O progresso do conhecimento* em revista, na verdade, nos mostra o contrário do que propagam os autores mencionados acima por Vickers. Apresenta-nos Bacon bastante aproximado à tradição humanista, não um anti-humanista. O texto baconiano em questão versa sobre o problema da *imitatio* na retórica clássica. É disso que se trata o trecho utilizado para (des)qualificar o filósofo da *restauração* como inimigo do humanismo, da retórica, do classicismo, logo, representante do anti-ciceronianismo. A leitura, sobretudo, da

² Quem empreende discussão problematizando inclusive a definição de Renascença é Claude-Gilbert Dubois no seu *O imaginário da Renascença*. Referência completa no final do artigo.

segunda metade do ensaio de Vickers (adotado aqui como suporte teórico) nos faz compreender que tal adjetivação não é verdadeira. Por isso o comentador britânico a concebe como mito (*myth*). Bacon estaria se inserindo no debate específico sobre a questão da *imitatio*. Nessa esteira dialoga com ciceronianistas do final do *Seiscentos* bem como critica a exacerbação da imitação de modelos na retórica, pois resultaria no que Philip Sidney e outros humanistas alertam – Bacon concordaria com eles – numa incorrência pelo superficial ao invés do substancial; num apreço em maior grau pela palavra em detrimento da coisa; em um não desenvolvimento da individualidade própria do retor; numa não correspondência adequada entre a *res* ou assunto de um discurso e a *verba* (Vickers, 2003, p. 141-142).

A defesa baconiana com ênfase consiste exatamente na exigência para que haja uma relação bem ajustada, correta, mais próxima à verdade o máximo possível entre a *res* (coisa) e a *verba* (palavra); entre a coisa e o expressar a coisa. É nesse contexto que se estabelece a pertinência da teoria dos ídolos e o interesse de Bacon no debate acerca da *imitatio* na retórica. Não para negá-la ou por pura aversão a ela. Antes, porém, para cobrar a modulação correta entre a coisa e o discurso. Bacon compreendia imensamente a importância da palavra, da retórica, inclusive se utilizou dela, pontua esse aspecto Vickers. Bacon atuou também na esfera do direito. A crítica baconiana ao excesso na *imitatio* manifesta seu apreço muito singular pelo estudo da coisa mesma, da matéria, do corpóreo. Rhodes, Webster, Loewenstein, Bush, entre outros, pelo visto ignoravam essa dimensão do pensamento baconiano.

Na discussão ainda sobre Bacon e o ciceronianismo, ressalta Vickers, não há sinal de que nosso filósofo tenha conhecimento de eventos da década de 1530 envolvendo proeminentes ciceronianos. No entanto, Bacon se mostra conhecer as fases posteriores do ciceronianismo. Por isso se refere na passagem d’*O progresso do conhecimento* aludida acima a quatro nomes representativos desse ciceronianismo posterior. A saber: o teólogo Jeroauno Osorio, conhecido como ‘o Cícero Português’; Johannes Sturm, ‘o Cícero Alemão’, publicou vários comentários sobre obras retóricas de Cícero e Hermógenes; Nicholas Carr, de Cambridge, produziu versões latinas de Eusébio e Demóstenes; e Roger Ascham, leitor de grego em Cambridge, tutor da rainha Elizabeth I, concebeu Cícero como modelo ideal para a prosa latina, nutriu amizade com Osorio e Sturm (Vickers, 2003, p. 142-143). Numa leitura desavisada e sem a colaboração de outras pesquisas não nos damos conta facilmente de detalhes semelhantes a esses. Bacon teria conhecido esses ciceronianos muito provavelmente mediante a obra *Ciceronianus* (Londres, 1577) de Gabriel Harvey, ou mesmo em palestras proferidas por este no Trinity College onde presidiu a cátedra em retórica, indica Vickers. Harvey, portanto, constitui um nome pertinente

nesse debate uma vez que é por seu intermédio que Bacon acessa o ciceronianismo do final do *Seiscentos*.

Harvey, todavia, tem uma trajetória bastante tortuosa quanto à *imitatio* e o ciceronianismo do final do século XVI. Um percurso na verdade de deslocamento em direção a aceitar modificações na formação e se aproximar da *imitatio* na perspectiva mais do humanismo clássico-renascentista, isto é, de não imitar ou tomar como modelo para tal um único e exclusivo autor. Importante notar essa noção humanista de não defender um único modelo para a retórica, por exemplo, ou para a adoção de um único autor. Bacon parece herdar em alguma quantidade essa dimensão da educação humanista na medida em que verificamos em muitas das suas obras um posicionamento de crítica à adoção de um único autor como faziam na sua época – especialmente os escolásticos – em relação a Aristóteles. Voltando a Harvey, sua juventude fora de seguimento a Cícero e adoção deste como único modelo para os seus propósitos. Definiu-se como um grande e puro ciceroniano nos mínimos detalhes: na escolha de cada palavra, na estruturação das frases, no uso dos tempos verbais, na rítmica dos períodos, na variedade e suavidade das sentenças, no refinamento. É de Harvey a confissão nos seguintes termos:

Eu prontamente concordei com a ideia de certos italianos de que todos os outros deveriam ser negligenciados (*neglected*) e apenas (*alone*) Cícero mantido (*kept*) em mãos. Nem Bembo, nem Sadoleto, nem Longolius, nem Riccius, o trompetista de Longolius, pensavam em Cícero com mais respeito do que eu, nem o exaltavam mais em palavras (Harvey *apud* Vickers, 2003, p. 143, tradução nossa).

Eis, portanto, o tom e a marca do jovem Harvey: colamento total em Cícero e quebra de preceitos básicos da retórica humanista clássica, renascentista. Vickers afirma que ao tomar esse caminho de copiar um único autor, no caso específico Cícero, Harvey assumiu características meramente superficiais, voltadas somente para o estilo, (a *verba*), a forma. Quando deveria ter absorvido de Cícero – autor copiado – ideias, pensamentos, conteúdo, (a *res*) podemos acrescentar. Aliás, destaca Vickers, Sêneca fez uma advertência bastante considerada por leitores modernos – é provável que Bacon tivesse ciência dela –, no sentido de que não se deve imitar um homem, por mais distinto que seja, uma vez que nunca se alcançará o mesmo nível do imitado e também porque a cópia sempre estará aquém da realidade. Lembra-nos a repulsa de Platão pela cópia. Outra advertência apontada por Vickers, e que teve bastante impacto no ciceronianismo do século XVI, finalmente o Harvey maduro compreendeu e a incorporou, veio de Quintiliano ao recomendar não se copiar de um orador apenas as palavras

mais também levar em consideração as circunstâncias e as pessoas envolvidas nos casos; observar o julgamento do orador, seu poder de arranjo, a capacidade de despertar sentimentos no público, todos os procedimentos que o tornam convincente (Vickers, 2003, p. 146). Por último, completa o comentador britânico na mesma referência,

a principal categoria retórica que percorre todo esse debate, desde a antiguidade clássica até o *Ciceronianus* de Harvey, como através da crítica mais breve de Bacon ao Ciceronianismo, é a conjunção de *res* e *verba*, do assunto e sua expressão verbal. O ensino tradicional era que os dois deveriam estar devidamente correlacionados; que *res* ou pensamento era o parceiro mais importante, ao qual as palavras estavam subordinadas; e que um excesso de *verba* sobre *res* resultaria em uma escrita ruim (Vickers, 2003, p. 146, tradução nossa).

No encaixe de ampliar a discussão quanto à importância de inclinar-se mais para a *res* do que para a *verba*, Vickers na continuidade da exposição menciona uma série de conselhos ou declarações oriundas de Cato, Horácio, Quintiliano e mesmo do próprio Cícero. Todas na perspectiva do correto balanceamento entre as coisas e as palavras. Essa problemática integra em boa medida a filosofia baconiana. Não basta, para Bacon, prender-se meramente ao âmbito da *verba*. É nesse contexto, portanto, que o trecho d'*O progresso do conhecimento* evocado acima se insere.

Vickers encerra seu *The myth of Francis Bacon's 'anti-humanism'* mostrando com clareza que a crítica de Bacon ao ciceronianismo do final do *Seiscentos* é inteiramente típica do humanismo retórico renascentista. E no caso do nosso filósofo, ela tem um enquadramento específico, uma ambiência, um foco determinado, de novo reforçamos. Qual seja, a advertência no vetor do equilíbrio, do devido ajustamento entre estilo, forma, *verba* e conteúdo, matéria, *res*, a coisa mesma. Não se trata de uma negação ou rejeição da retórica, novamente. Mas de chamar a atenção para os excessos. Nesse sentido Vickers evoca um estudo de J. W. Binns, intitulado *Ciceronianismo na Inglaterra do século XVI: o debate latino*, no qual Binns conclui que o relato de Bacon sobre o crescimento (*growth*) e progresso (*progress*) de um ciceronianismo que prestou mais atenção ao estilo do que à matéria é justo e perspicaz (Vickers, 2003, p. 148-149). Por qualquer dos ângulos que se verifique percebemos a sinalização de um Bacon amplamente comprometido em direcionar a embarcação do conhecimento primordialmente sobre as águas das coisas mesmas, da matéria, da *res*. Daí a prudência para não se perder nos labirintos da *verba*. Esse é o ponto.

No reforço e nexos com a ponderação assentada no parágrafo acima, vejamos mais um excerto de Vickers:

Se o “anti-humanismo” de Bacon acaba sendo um mito baseado na leitura errônea de uma única passagem do *Advancement of Learning*, na ignorância do contexto histórico por trás dele, as acusações relacionadas de que ele era “anti-retórico” são igualmente insubstanciais. Como mostrei recentemente³, Bacon usou e recomendou a retórica ao longo de sua vida. Como pode ser visto nas compras de livros registradas feitas para ele e seu irmão Anthony, por seu tutor John Whitgift, Mestre de Trinity e futuro Arcebispo de Canterbury, eles trabalharam nos textos humanistas padrão (*standard*), misturando (*blending*) filosofia, retórica e história. Os livros comprados para uso deles [Bacon e Anthony] incluíam edições substanciais de Aristóteles e Platão, ‘trabalhadores de tully’, ‘*ciceronis rheto*’ (as obras retóricas, provavelmente incluindo *Rhetorica ad Herennium*), ‘um comentário das orações de tullis’, as *Orations* de Demóstenes, ‘hermogenes em grego e latim’, e obras históricas de César, Salústio e Xenofonte. A formação de Bacon como advogado (*lawyer*) o envolveu nos exercícios proto-retóricos das discussões na assembleia, seus quarenta anos como deputado deram origem a um grande número de discursos parlamentares, construídos nos melhores princípios retóricos, exibindo clareza de contorno e contundência de expressão. Suas muitas cartas de conselho à Rainha Elizabeth, ao Rei James, em Buckingham e a outros com altos cargos no governo mostram seu domínio da retórica deliberativa, ajustando o argumento ao contexto, tempo disponível e natureza da pessoa abordada. Como advogado profissional que ascendeu aos mais altos cargos jurídicos, Bacon atuou como advogado de tribunal com plena consciência dos grandes modelos clássicos, Demóstenes e Cícero (Vickers, 2003, p. 150, colchete e tradução nossos).

O trecho é longo. Porém julgamos necessário, pertinente. Uma vez que revela suficientemente, com largueza de dados, e nos fornece elementos com bastante robustez que refutam, rechaçam, põem por terra e demonstram tratar-se de uma inverdade tipificar Bacon como anti-humanista, anti-retórico, anti-ciceronianista, anticlassicismo. Como se não bastasse, no parágrafo seguinte à citação evocada, Vickers completa igualmente com riqueza de detalhes e assevera que em vários escritos de Bacon sobre educação⁴, é clara a total adesão do filósofo aos princípios e métodos clássicos e renascentistas. Segundo Vickers, Bacon aconselhava os alunos a manterem um caderno enquanto liam; a registrarem argumentos, frases, observações das suas próprias leituras; a organizarem em ‘cabeças’ ou tópicos o que liam; método muito superior aos epítomes (resumos) utilizados por outros educadores, julgava o próprio Bacon (Vickers, 2003, p. 150). Para demonstrar a importância que Bacon atribuía à retórica, Vickers traz um dado curioso: afirma que o autor da *Nova Atlântida* conhecia bem os escritos retóricos de Cícero e Quintiliano, porém o modelo-chave para essa discussão era Aristóteles. Pois, Bacon teria “se baseado na *Retórica* [de Aristóteles] por sua defesa da retórica contra a redução de

³ Nesse ponto Vickers puxa uma nota referente a um outro trabalho seu intitulado ‘*Bacon and rhetoric*’.

⁴ Acerca dessa questão envolvendo ‘Bacon e um possível conjunto de noções suas concernentes à educação’, é de grande valia consultar o tópico 1.3 (*O realismo baconiano e sua repercussão na educação*) do capítulo 1 (*Os antecedentes da educação lockiana*) da tese doutoral (*John Locke e a formação moral da criança*) – disponível no formato livro, referência completa no final do artigo – do professor Christian Lindberg Lopes do Nascimento. Ali Nascimento apresenta tanto fatores que interferiram na educação pessoal de Bacon, quanto possíveis contribuições do autor da *Nova Atlântida* ao pensar sobre educação.

Platão, no *Górgias*, a “uma arte voluptuosa, semelhante à culinária” (Vickers, 2003, p. 151, colchete e tradução nossos). Nessa mesma referência, o comentador britânico acrescenta, Bacon também compartilha o otimismo ético de Aristóteles, mas deu-lhe uma elaboração mais convincente, na medida em que fundiu o *De anima* do estagirita com a ‘psicologia’ das faculdades para dar à retórica um papel fundamental no funcionamento interno da mente humana no processo de escolha moral. Dissemos que Vickers nos trouxe um dado curioso pelo seguinte: primeiro, é conveniente salientar, Bacon conhecia a filosofia aristotélica com bastante profundidade, estudou Aristóteles amplamente em sua passagem por Cambridge; segundo, enquanto na esfera da lógica Bacon rejeita e critica Aristóteles duramente (nos ocupamos desse objeto no segundo tópico do capítulo terceiro da tese), nas esferas da retórica e da ética, por exemplo, o filósofo inglês se mostra bastante amistoso ao estagirita. É possível perceber as ‘noções éticas’ aristotélicas do ‘meio-termo’, da ‘justa medida’ e da ‘moderação’ em larga escala no pensamento de Bacon.

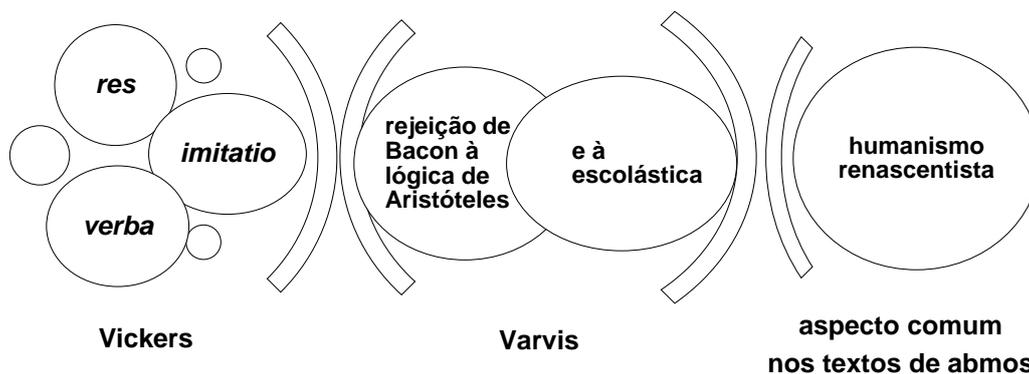
“Fechando” o debate sobre a retórica na perspectiva de refutar o ‘mito’ do ‘Bacon anti-humanista’, Vicker afirma que a retórica não perdeu popularidade no século XVII. Pelo contrário, continuou a ter alto apreço na educação escolar e universitária; não teve diminuição de publicações de textos retóricos; permaneceu mantendo seu prestígio; e talvez até em alguma proporção isso se deva exatamente à defesa dela (da retórica) por parte de Bacon. Por fim o comentador britânico encerra seu trabalho de refutação às acusações contra Bacon, formulando indagações no seguinte tom: “Se as atitudes anti-humanistas e anti-retóricas de Bacon podem ser mostradas como um mito, ficamos com um mistério correspondente: por que tantos estudiosos instruídos e bem informados sentem-se confiantes em atribuir opiniões a Bacon sem se preocupar em encontrar o que ele realmente pensou e escreveu?” (Vickers, 2003, p. 154). Guardemos, então, essas indagações que são, na verdade, uma precisa advertência a ser considerada não só em relação a Bacon, mais também a qualquer outro pensador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pomos na balança a abordagem de Vickers e a abordagem de Varvis⁵, embora os propósitos sejam distintos, todavia, percebemos na verdade que o ponto que fundamenta ambas termina sendo o mesmo. Se para Varvis o humanismo renascentista está na base da

⁵ Essa abordagem, mencionada aqui ligeiramente e não é nosso objetivo aprofundá-la, tem como base contribuições de Varvis, na mesma referência mencionada na nota 2 e assentada no final desse artigo.

formação de Bacon, o instigando a romper com o silogismo de Aristóteles e com os escolásticos; para Vickers, por sua vez, a raiz da crítica baconiana à retórica do ciceronianismo do final do século XVI se ancora também numa dimensão do humanismo renascentista, que rejeita o excesso na *imitatio*, na forma, na (*verba*) e cobra uma diminuição da distância entre homem, pensamento, linguagem, conteúdo e mundo concreto (*res*). Num esquema ilustrativo teríamos:



Demonstramos que as premissas de Rhodes, Webster, Quinton, Bush, Loewenstein e Grafton, por exemplo, ao acusarem Bacon de anticiceroniano, típico representante do anticlassicismo e anti-humanista, são falsas. Pois, a passagem baconiana utilizada isoladamente para a formulação de tais acusações diz respeito precisamente a um debate muito específico vinculado ao problema da *imitatio*, e encarado principalmente por ciceronianianos (integrantes de um setor da tradição humanista) do final do século XVI. Discussão da qual Bacon teve especial interesse em participar porque, sobretudo n’*O progresso do conhecimento*, ele está interessado em fazer a defesa do avanço das ciências. Nessa perspectiva, embora o filósofo inglês reconheça a relevância e o lugar da poesia, da retórica, da cultura livresca – propõe inclusive que o Estado financie a pesquisa científica mais também bibliotecas, melhores salários para os pesquisadores, entre outros aspectos –, todavia, Bacon está a reivindicar com bastante ênfase atenção para o estudo da natureza, para o conhecimento das coisas mesmas e, nesse sentido, da *res*.

Nossas pesquisas, reflexões e escritos têm adotado o tom no vetor ou alerta de que é adequado estudar a modernidade no geral, e Bacon em particular, por eles mesmos, com a devida atenção e precaução; não por orelhas de livros, passagens isoladas, ou, pior, por ‘ouvir

dizer/ouvir falar'. Por isso nos nossos textos sempre comparece uma recomendação de Paolo Rossi que a sublinhamos também aqui:

Os pós-modernos pensam que a *modernidade* pode caracterizar-se como a época da autolegitimação do saber científico e da plena e total coincidência entre verdade e autoemancipação. Pensam também a modernidade como a época do tempo linear caracterizada pela “superação”. Pensam ainda que o moderno é a época de uma razão forte dominada pela ideia de um desenvolvimento histórico do pensamento como incessante e progressiva iluminação. Pensando essas coisas, pensaram mal. Afirmaram coisas banais que, com a aparência de atuais, parecem profundas aos pobres de espírito. Não leram os modernos, mas os manuais que falam deles (Rossi, 2000, p. 116-117, *itálico conforme o original*).

No caso específico dos teóricos apontados por Vickers nesse trabalho, ou tomaram inadvertida e isoladamente o trecho d’*O progresso do conhecimento* citado e analisado acima, ou negligenciaram a leitura mais atenta de textos baconianos. Esse artigo nos permite a guisa de conclusão que, por muitos ângulos que se olhe, se prestarmos a devida atenção e buscarmos nos aprofundar nas dimensões filosóficas que atravessam a tradição humanista da Renascença, veremos que faces e aspectos calcados nessa (ou oriundos dessa) tradição reverberam em boa medida a obra, o pensamento de Bacon e um bom número dos debates que ele enfrentou.

REFERÊNCIAS

BACON, Francis (2007). **O Progresso do Conhecimento**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Unesp.

BULLOCK, Alan. **La tradición humanista em occidente**. Madrid: Alianza Editorial S.A., 1989. Baixado do site: <https://pt.scribd.com/doc/274240556/Tradicion-humanista-en-occidente>

DUBOIS, Claude-Gilbert. **O imaginário da Renascença**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

HORA, José Sandro Santos. **A ‘Natureza’ em Bacon e a Recepção da sua Filosofia nas Discussões Ambientais**. Porto Alegre: Redes Editora, 2015.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Tradução Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

NASCIMENTO, Christian Lindberg Lopes do. **John Locke e a formação moral da criança**. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

ROSSI, Paolo. **Naufraágios sem espectador: a ideia de progresso**. Tradução, Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SPANG, Michael. Ciência, religião e utopia – a sociedade ideal na Nova Atlântida de Francis Bacon. **Veritas**, Porto Alegre, v. 46. n. 2., pp. 275-293. (2021). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/35009/18346>

VARVIS, Stephen. Humanism and the Scientific Revolution: Bacon's Rejection of Aristotle. **Comitatus**, 14 (1983): p. 59-79. Disponível em: Humanism and the Scientific Revolution: Bacon's Rejection of Aristotle (escholarship.org)

VICKERS, Brian (2003). The myth of Francis Bacon's 'anti-humanism'. *In: **Humanism and Early Modern Philosophy***. Ogs. KRAYE, Jill; STONE, M.W.F. London studies in the history of philosophy. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://library.mibckerala.org/lms_frame/eBook/Kraye-Stone%20-20Humanism%20and%20Early%20Modern%20Philosophy%20(Routledge).pdf